



## A FELICIDADE NO REGISTRO DO SIMULACRO.

Eduardo Leal Cunha<sup>1</sup>

A partir de duas produções cinematográficas recentes – *Elza e Fred* (Espanha/Argentina, 2005) e *Vênus* (Reino Unido, 2006) – discute-se o estatuto da felicidade na cultura contemporânea tomando como referência a categoria psicanalítica de “desmentido”, que aqui será articulada à noção de simulacro. Nesse percurso, procura-se explorar a figura do perdedor, que nos é usualmente descrito como aquele a quem a felicidade não seria possível, por estar ele desprovido de valor de troca e assim excluído do jogo econômico-social. Em contraponto a tal formulação, apoiando-se nos protagonistas dos dois filmes, procuraremos indicar outra forma possível de experiência da felicidade no mundo contemporâneo, fundada em um modo singular de subjetivação que se apóia no simulacro e na simulação.

Palavras-chave: psicanálise; cinema; felicidade; simulacro; narcisismo (cultura do).

\*\*\*

O ponto de partida de nosso argumento é o encontro entre duas narrativas cinematográficas: uma produção inglesa de 2006<sup>2</sup> e uma produção hispano-argentina de 2005<sup>3</sup>. Em comum nas histórias, o fato de seus protagonistas serem pessoas idosas que encontram o amor e insistem na exploração da dimensão erótica enquanto a sociedade, materializada em seus amigos e familiares, já não lhes reconhece tal direito. Trata-se, portanto, de dois seres em princípio dessexualizados que se engajam em aventuras sexo-afetivas. Mas *Elza* e *Maurice* são mais do que isso, são pessoas doentes, desenganadas, a quem nada mais restaria, em princípio, senão esperar a morte. São *losers*, com ainda um último ponto em comum: a transgressão. Tratam-se, de fato, de dois pequenos criminosos, espécies de delinquentes cujo dano ao outro, pela sua própria impotência, pode passar despercebido, o que os torna, enfim, praticamente inofensivos.

São esses dois seres, desprovidos de qualquer potência, que tomaremos aqui, paradoxalmente, como heróis, engajados em operações de resistência e capazes de nos dar preciosas lições sobre um outro lugar – possível – da felicidade no mundo

---

<sup>1</sup> Psicólogo, Psicanalista, Doutor em Saúde Coletiva (IMS/UERJ), Professor Adjunto do Departamento de Psicologia da UFS e do Núcleo de Pós-Graduação em Psicologia Social da UFS; dudalealc@uol.com.br

<sup>2</sup> *Vênus* (Venus), 2006, Grã-Bretanha, roteiro de Hanif Kureishi, direção de Roger Michell.

<sup>3</sup> *Elza & Fred* (Elza y Fred), 2005, Argentina/Espanha, roteiro de Marcos Carnevale, Marcela Guerty e Lili Ann Martin, direção de Marcos Carnevale.

contemporâneo. Lugar que se contraporá àquele ocupado pela figura hegemônica do vencedor, herdeiro direto do narcisista descrito por Lasch na década de 70 do século passado (LASCH, 1983), àquele que como assinala Sennett, citando os economistas Cook e Frank, é o modelo humano ideal da lógica de mercado na qual “o vencedor leva tudo” (SENNETT, 2004, p.105).

É a partir deles que pretendemos explorar o estatuto da felicidade na atualidade, contrapondo a experiência desses dois personagens e o modo como eles operam a produção de um modo singular de ser feliz ao que pode ser tomada como a idéia hegemônica de felicidade no mundo contemporâneo, considerando sobretudo que tal idéia já não se vincularia a um ideal, de conhecimento, por exemplo, como na tradição filosófica inaugurada por Platão e sobretudo Aristóteles, nem à transcendência, como na experiência cristã (BOSCH, 1998), mas estaria circunscrita, a partir mesmo da instalação do que Lasch denomina “cultura do narcisismo” ou do que Debord descreve como a “sociedade do espetáculo” (DEBORD, 1997), à experiência individual da produção de uma auto-imagem adequada, em linhas muito gerais, aos ícones de sucesso e realização materializados em bens de consumo, incluindo-se entre estes o próprio corpo. Felicidade que estaria ainda restrita, como consequência direta, àqueles que podem, em nossa sociedade, ocupar o posto de vencedores, sendo que tal vitória, este é um ponto fundamental, se apóia no eventual – ainda que imaginário – aniquilamento do outro (CUNHA, 2007).

Dito de outro modo, se como propõe Lasch, a cultura do narcisismo instala a divisão radical do mundo entre vencedores e perdedores, e se a felicidade torna-se direito exclusivo dos primeiros enquanto os ditos vencidos, são destinados ao banimento e à exclusão do jogo econômico e social, tornados assim espécie de restos da sociedade de consumo, pobres e viscosos, como formula em sua radicalidade Bauman (1998), o que pretendemos mostrar é que nossos heróis paradoxais, Elza e Maurice, encontram em sua própria impotência, marca diferencial do perdedor, a condição de possibilidade para a subversão deste jogo e a afirmação de uma felicidade possível, que já não se dará efetivamente no domínio dos ideais, mas encontrará seu lugar no registro do simulacro, invertendo assim a lógica, tão cara a Debord, de que a prevalência do espetáculo e das imagens só pode levar à instalação e manutenção de um regime de sujeição e ao apagamento das experiências subjetivas singulares. Ou seja, pretendemos aqui indicar como é no próprio campo da simulação, tão caro aos mecanismos

contemporâneos de poder, que se podem vislumbrar, como nos ensina em ficção esse improvável casal, formas insuspeitas de apropriação do poder.

### **Maurice & Elza.**

Vênus nos conta a história de Maurice, um velho ator, decadente, que ao mesmo tempo em que tem confirmado um diagnóstico de câncer, e suas poucas chances de sobrevivência, encontra na sobrinha de seu melhor amigo, uma adolescente arrogante e insubordinada a quem ele apelida de Vênus, a possibilidade de viver o amor. Um amor desde o início marcado pela impossibilidade e pelo ridículo, mas ao qual, em nenhum momento, ele pretende renunciar, dirigindo a partir daí todos os seus esforços para seduzi-la, mesmo que em nenhum momento alguém, nem mesmo ele, possa imaginar que tal esforço de sedução venha a ter sucesso.

Nesse esforço, no entanto, Maurice torna-se uma espécie de simulacro de amante, caminhando romanticamente de mãos dadas pelas ruas de Londres ou levando a sua amada para uma maravilhosa tarde de compras em uma luxuosa loja de departamentos, sem, no entanto, ter mais do que insignificantes vinte libras no bolso. Em sua aventura romântica, Maurice apanha, tanto física quanto moralmente, perde o amigo e se perde em sua paixão até que feliz, ao lado de sua amada, finalmente comovida pelos seus sentimentos e gestos, encontra a morte.

Elza é uma octogenária argentina que vive em Madrid. Judia, divorciada, praticante habitual de pequenos golpes, sendo muitos deles em benefício de um dos dois filhos, artista sem reconhecimento e sem dinheiro, em detrimento do outro, um respeitável profissional e pai de família. Doente crônica em fase terminal, decide-se a seduzir o seu novo vizinho, Fred, um discreto e rígido viúvo cerca de dez anos mais jovem que ela. Elza mente, persegue o seu amado e o seduz, envolvendo-o em suas mentiras e transgressões, como ir a um restaurante de luxo, e aproveitando-se do fato de que são apenas dois velhos inofensivos, sair sem pagar a conta. Com ela, Fred reencontra a alegria de viver, o prazer de um relacionamento afeto e o amor. Ele, que não a entende e recrimina seu estilo irresponsável, se deixa enredar pelos seus encantos e nela encontra forças para resistir ao jugo de uma fila dominadora e retomar o controle sobre a sua própria vida, esvaziada pela perda recente da esposa.

Elza tem um sonho, ir a Roma e na Fontana de Trevi reviver, ao lado do seu amor, a cena vivida no cinema por uma famosa atriz com quem se parecia em sua

juventude. Acaba arrastando Fred em sua aventura e na Itália, em meio ao gozo proporcionado pela realização de sua fantasia, nos braços do amado, encontra a morte.

Elza e Maurice são dois sedutores marcados por um traço em comum: a encenação. Ele, um ator profissional, ela, uma atriz compulsiva e imaginária, identificada a uma outra, de modo a permanecer sempre jovem e bela. É representando, vivendo o que em princípio não é o seu papel, que ambos conseguem enfrentar uma vida que se esgota e preparar-se para a morte. Como pequena delinqüente e espécie de velho pedófilo, transitando nas fronteiras do crime e da perversão, eles mostram aos outros, o enfraquecido Fred e a inexperiente Vênus, o valor de suas próprias existências e nos questionam sobre os limites entre certo e errado, possível e impossível. Negam a realidade e fazem prevalecer as suas próprias fantasias, mas com isso transformam esta realidade, ao mesmo tempo em que podem reconhecer a finitude e aceitar, tão tranquilamente quanto possível, o próprio fim.

### **O conceito de desmentido em psicanálise.**

A idéia de *verleugnung* – renegação ou desmentido – aparece em Freud no contexto das elaborações da experiência perversa, mais especificamente do fetichismo (FREUD, 1927/1986) e marca seu afastamento de uma leitura das perversões que se apoiava fundamentalmente na identificação do que seriam práticas sexuais desviantes em relação à finalidade reprodutiva, que marcava a sexologia de sua época (PEIXOTO JR., 1999), em direção a uma leitura de tal experiência que não só a aproximava da dita vida normal, em especial através da idéia de uma sexualidade perverso-polimorfa que caracterizaria a vida infantil (FREUD, 1905/1996), mas que se funda numa articulação entre a perversão e mecanismos específicos de defesa, implicados em modos particulares de relação com a realidade, em particular com a realidade da castração.

Em linhas muito gerais, no modelo freudiano, o que se passa é que o menino, confrontado à diferença entre os sexos e aprisionado entre o desejo incestuoso pela mãe e o temor de ser castrado, renega a realidade de que a mãe não tem pênis e lhe atribui um órgão imaginário que constituirá a partir daí o objeto fetiche. Com isso, opera-se, ainda segundo Freud, uma divisão psíquica, pois o indivíduo a partir daí conserva ao mesmo tempo a percepção da ausência do pênis na mãe e a crença de que também as mulheres têm pênis e sendo assim não há risco de que ele seja castrado. O objeto fetiche é ao mesmo tempo, como substituto do pênis da mãe, a prova do reconhecimento de que as mulheres não têm pênis, já que é posto em seu lugar, e a garantia de que elas os têm,

já que ocupa efetivamente tal lugar. É importante destacar, por fim, que a renegação (ou desmentido) não é um mecanismo vinculado apenas ao funcionamento perverso, embora lhe seja diferencial no que tange à passagem pelo complexo de castração, estando presente em outras formas de padecimento psíquico – ou mesmo em nossa vida cotidiana – e não podendo ser desvinculado de maneira radical da operação de recalque, que é a exclusão de determinadas representações do campo da consciência pela sua incompatibilidade com o Eu e base da formação da instância psíquica do inconsciente (FREUD, 1927/1996).

A *verleugnung* se encontra numa série que, passando pela negativa – *verneugnung* (FREUD, 1925/1996) – e pela alucinação negativa, nos falam da articulação necessária entre saber e afeto, na medida em que afirmam como operador decisivo do ato de conhecer o princípio de prazer. Isso aparecerá de modo muito claro, por exemplo, na cegueira histérica, na qual, segundo Freud, o órgão sensorial, e sua função, são contaminados pelo sexual e é assim que a histérica, para não ver o que põe em movimento o seu desejo, acaba por fazer com que o seu Eu, a sua consciência, abra mão da percepção e deixe de ver, embora ainda possa enxergar (FREUD, 1910/1996).

A idéia de renegação pode ainda ser incluída entre as formas possíveis de lidar com uma realidade desagradável, sendo descrita como um mecanismo psíquico que se volta não para as representações – pensamentos e idéias –, mas para a percepção do dito mundo externo.

Ao todo, quatro atitudes são possíveis diante de uma realidade insuportável: 1) modificar a percepção que se tem dela no sentido dos próprios desejos ou temores, o que equivale à ilusão; 2) tornar a percepção inconsciente, o que equivale à alucinação negativa; 3) dividir-se diante da realidade e, ao mesmo tempo, reconhecê-la e recusa-la, o que corresponde à renegação no sentido estrito do termo; 4) perceber o que não existe, o que corresponde à alucinação que poderíamos qualificar de positiva. (Bourguignon, 1991, p.58)

Bourguignon destacará na renegação quatro etapas, sendo a primeira delas a posição prévia, no modelo freudiano a crença da criança no fato de que todos os seres humanos têm pênis e não há, portanto, diferença entre os sexos. É a existência de tal posição prévia que tornará insuportável a percepção da ausência do pênis e fornecerá a base para o desmentido e a divisão da consciência fazendo com que o sujeito concilie ao mesmo tempo a crença anterior e a realidade que foi levado a testemunhar e que deveria por um fim a essa crença.

No pensamento lacaniano, a operação de desmentido se firma como o mecanismo de defesa específico das ditas estruturas perversas, sendo colocada em oposição ao recalque, que marcaria as neuroses e à forclusão, que configuraria a estrutura psicótica (DOR, 1991). Ela se referirá então de modo particular à renegação da castração da mãe, permitindo à criança permanecer no registro da identificação ao falo da mãe e o impedindo de aceder ao registro da falta e do desejo, pois ao recusar o reconhecimento de que a mãe não é um ser completo, sendo, portanto, faltante, ele estará aprisionado à oposição entre ser ou não ser o falo, o que implica uma posição, característica da estrutura perversa, de constante desafio e transgressão à interdição do incesto e à lei. Negando a realidade da castração o perverso se colocaria, então, como portador de uma lei absoluta que desconsidera o desejo do outro e o transforma em um sujeito que tudo pode, a quem nada falta, já que é efetivamente a realidade da castração e o limite por ela imposto à onipotência narcísica que são negados e a partir daí permanentemente desafiados.

Octave Mannoni, em um texto que se tornou fundamental para a compreensão do mecanismo de renegação/desmentido (MANNONI, 1973) dará um passo decisivo na direção de uma ampliação do seu uso, colocando-o no centro das articulações entre a realidade e a crença a partir da fórmula “eu sei, mas mesmo assim”, que marcaria o destino produzido pela operação de desmentido. Nessa perspectiva, ela seria a base da manutenção das crenças – aí incluídas, no campo da cultura, as crenças religiosas – fazendo com que ele possa reconhecer a realidade que nega a crença e ainda assim sustentar a crença e viver de acordo com ela.

### **O desmentido e o simulacro.**

Seguindo as pistas estabelecidas por Mannoni, podemos então descrever o desmentido fora do campo estrito do modelo estrutural tripartite – neurose, perversão, psicose – como o mecanismo psíquico próprio ao processo primário, ou seja, ao modo de funcionamento – articulação das representações e circulação e regulação das intensidades – do Inconsciente, que permitirá aos sujeitos se contrapor à dita realidade objetiva, regulada pelo discurso do outro, afirmando a sua realidade psíquica singular. Com a fórmula “eu sei, mas mesmo assim”, o sujeito opera, enfim, a subversão entre verdadeiro e o falso, que se mostra o desdobramento de outra subversão, a prevalência do singular sobre o universal. Instala-se, portanto, em um registro do simulacro, pois, como nos lembra Baudrillard:

Logo fingir, ou dissimular, deixam intacto o princípio da realidade: a diferença continua a ser clara, está apenas disfarçada, enquanto que a simulação põe em causa a diferença do ‘verdadeiro’ e do ‘falso’, do ‘real’ e do ‘imaginário’ O simulador está ou não doente se produz ‘verdadeiros’ sintomas? (BAUDRILLARD, 1991, p.9-10)

A simulação seria ainda estratégica no enfrentamento dos discursos de poder, o que podemos perceber, como nos mostra Foucault (2006), na experiência das histéricas do final do século XIX, ao se colocarem diante do saber médico que invadia seu corpo e esquadrihava sua alma. As mesmas histéricas às quais se refere implicitamente Baudrillard ao colocar a subversão das fronteiras entre o verdadeiro e o falso adoecimento. Para Foucault, a simulação histórica se configurou em desafio ao discurso de poder que então se materializava no saber médico e nas práticas disciplinares que o sustentavam, na medida em que legitimava o saber e o poder do médico que a examinava, encontrando nela a regularidade sintomática que excluía a histeria do campo da loucura, ao mesmo tempo em que jogava por terra esse poder e saber negando a relação entre tais sintomas e qualquer traço anátomo-patológico e instalando assim a sua desrazão singular em meio ao espaço hegemônico da racionalidade médico-científica. Dessa forma o poder psiquiátrico tornava-se refém do prazer histórico, do seu teatro particular.

O médico, solicitando seus estigmas e a regularidade de suas crises, pede que o histérico lhe dê a possibilidade de praticar um ato estritamente médico, isto é, um diagnóstico diferencial. Mas, ao mesmo tempo – é esse o benefício para o histérico, e é por isso que ele vai responder positivamente a essa demanda do psiquiatra –, o histérico vai escapar assim da extraterritorialidade médica ou, mais simplesmente, vai escapar da territorialidade asilar. Em outras palavras, a partir do momento em que poderá efetivamente fornecer seus sintomas que, pela constância deles, por sua regularidade, permitem que o neurologista faça um diagnóstico diferencial, o histérico não será com isso mais um louco dentro do asilo (...) O direito de não ser louco, mas de ser doente é adquirido pelo histérico graças à constância e à regularidade dos seus sintomas (...) Por conseguinte, o funcionamento neurológico do médico depende do histérico, que de fato lhe fornece seus sintomas regulares; e, nessa medida, o que é oferecido ao psiquiatra é não apenas aquilo que vai garantir seu próprio estatuto de neurologista, mas aquilo que vai garantir ao doente o domínio que ele tem sobre o médico, pois é lhe fornecendo seus sintomas que pode ter uma ascendência sobre ele, já que o consagra assim como médico e não mais como psiquiatra. (FOUCAULT, 2006, p.403-404)

A simulação assim, operando tal subversão entre o falso e o verdadeiro, produz uma fissura nos discursos de poder que pretendem instituir uma verdade tão absoluta quanto espetacular.

Acreditamos que é ao mesmo tipo de recurso estratégico que nossos heróis parecem recorrer, sustentados no desmentido da realidade que os esvazia de poder. Apropriam-se de traços da perversão para afirmar sua possibilidade de ação, sobretudo erótica, alcançando assim o direito a algo da ordem do que poderíamos chamar felicidade.

Ou seja, enquanto numa leitura bastante freqüente das proposições de Baudrillard em torno da precessão dos simulacros e da produção de um hiper-real, o simulacro aparece vinculado há uma espécie de expropriação do real, a partir do domínio absoluto das imagens, o que o aproximaria da crítica, estabelecida por Debord, de uma espetacularização do mundo, o que pretendemos apontar é, no universo reinante do simulacro, a ocorrência pontual de operações – micropolíticas – de resistência, fundadas na apropriação subjetiva da possibilidade de simulação. O mecanismo do desmentido seria a base metapsicológica<sup>4</sup> de tais operações.

Operando o desmentido, recusando a prevalência da lei, Elza e Maurice, e apenas assim, podem colocar em jogo seu desejo e engajar-se na aventura do encontro amoroso com o outro. Excluídos, sem valor, eles transformam a lei em regras, de modo que possam subvertê-las, pô-las em jogo. Sem direito a futuro, eles se instalam em um presente radical e de modo paradoxal, negam a morte para que, atravessando as próprias fantasias, possam morrer.

### **O simulacro e a felicidade.**

É desta forma também, acreditamos, que esses dois velhos apaixonados, nos colocam frente a certas perguntas e eventuais, possíveis, respostas.

Num mundo marcado pela cultura do consumismo, ou seja, em que a conquista da felicidade está vinculada ao consumo de mercadorias, o que levará ainda, em sentido inverso, a uma mercantilização dos sentimentos do próprio corpo, criando condições

---

<sup>4</sup> No pensamento freudiano, a metapsicologia aparece como a dimensão propriamente teórica da psicanálise e procuraria dar conta dos modos de funcionamento psíquico – da constituição do sujeito aos processos de adoecimento, passando pela relação com o outro e o mundo – através das perspectivas tópica, dinâmica e econômica. A primeira procuraria dar conta das relações entre as diversas instâncias que integram o psiquismo; a segunda privilegiaria o conflito psíquico e as relações de força entre tais instâncias; a terceira enfocaria a circulação e regulação das intensidades que governam o funcionamento psíquico. Sobre isso, ver, por exemplo: Laplanche, J.; Pontalis, J-B. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

para o surgimento do Jurandir Freire Costa denomina a “personalidade somática” (COSTA, 2004a,b), e para a prevalência de uma ética das sensações que substitui a moral dos sentimentos, qual o lugar possível para dois velhos, empobrecidos e doentes?

Num ambiente cultural no qual o grande regulador das ações já não será a culpa, mas a vergonha diante do olhar vigilante e anônimo do outro, o que podem fazer dois seres, instalados em corpos que os traem e se apressam a morrer, pessoas que ao menos em princípio não tem muito do que se orgulhar, senão perder completamente a vergonha?

Num mundo em que a experiência subjetiva se deixa confinar a cada dia nos limites mais estritos do corpo próprio, aprisionando-nos em um narcisismo que nos isola da alteridade e esvazia a nossa capacidade de fala e metaforização fazendo com que a passagem ao ato se transforme em movimento privilegiado de regulação do excesso pulsional, ainda que pela via da violência (BIRMAN, 2006), qual o destino possível para esses personagens abandonados pelo próprio corpo adoecido e como seus campos de ação cada vez mais restritos?

É diante desses impasses que se instala na experiência subjetiva dos nossos heróis, a partir do mecanismo do desmentido – que certamente os aproxima da perversão, ou ao menos lhes confere traços perversos – o registro da simulação e do simulacro. E é a partir de sua instalação no mundo como simuladores que eles podem revelar o que há de simulacro no próprio ideal hegemônico de felicidade, fundado no acúmulo e regulação de imagens, para por em jogo sua própria imaginação e, sem dor, sem risco e sem culpa, simplesmente imaginarem que, agora sim, serão felizes.

A felicidade que julgamos ver em Elza e Maurice certamente não implica a realização de qualquer ideal ou a conquista de posições na sociedade de consumo. Da mesma forma, não se configura em felicidade total, no apagamento da crueldade ou no apaziguamento do mal-estar que em Freud marcariam a experiência humana (FREUD, 1930/1996).

Trata-se enfim de uma felicidade que se funda não apenas no reconhecimento da própria insuficiência, mas também, de modo paradoxal, na inevitabilidade da transgressão. Ao contrário do perverso típico que transgredir a lei para afirmá-la e diante dela a supremacia do seu próprio desejo, de uma lei própria, o perdedor, como Elza e Maurice, parece recusar a lei em resposta à constatação de que esta o exclui e ignora, negar a realidade pura e simplesmente porque nela não encontra lugar para si mesmo e

para a colocação em movimento do seu desejo. E só assim, eles serão felizes para sempre.

### Referências.

- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BIRMAN, Joel. "Subjetividades contemporâneas" In BIRMAN, J. *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006a.
- Cunha, Eduardo L. "Notas sobre o predador – destinos atuais do narcisismo e de sua cultura." In Silva, José A. Pereira da. *Modalidades do gozo*. Salvador: Campo Psicanalítico, 2007.
- BOSCH, Phillippe Van Den. *A filosofia e a felicidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BOURGUIGNON, André. "O conceito de renegação em Freud – alucinação negativa, renegação da realidade e escotomização." In BOURGUIGNON, A. *O conceito de renegação em Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- COSTA, Jurandir Freire. "Declínio do comprador, ascensão do consumidor." In COSTA, J.F. *O vestígio e a aura*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004a.
- \_\_\_\_\_. "A personalidade somática de nosso tempo." In COSTA, J.F. *O vestígio e a aura*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004b.
- CUNHA, Eduardo L. "DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DOR, Joel. *Estruturas e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre, 1991.
- FREUD, Sigmund. "Tres ensayos de teoría sexual" (1905) in FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996. Vol.7 p.109-222
- \_\_\_\_\_. "La perturbación psicógena de la visión según el psicoanálisis" (1910) In FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996. Vol.11 p.205-216
- \_\_\_\_\_. "La negación" (1925) In FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996. Vol.19 p.249-258
- \_\_\_\_\_. "Fetichismo" (1927) In FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996. Vol.21 p.141-152
- \_\_\_\_\_. "El malestar en la cultura" (1930) In FREUD, S. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996. Vol.21 p.57-140

- FOUCAULT, Michel. *O poder psiquiátrico*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- MANNONI, Octave. “Eu sei, mas mesmo assim.” In MANNONI, O. *Chaves para o imaginário*. Petrópolis: Vozes, 1973
- PEIXOTO JR., Carlos Augusto. *Metamorfozes entre o sexual e o social*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter*. Rio de Janeiro: Record, 2004.